

Balanço de Pagamentos	US\$ bilhões		
	1981 1/	1982	
Discriminação	Hipótese Básica I	Hipótese II	Hipótese III
I. Balança Comercial(FOB)	1,2	3,0	2,0
Exportações	23,5	28,0	28,0
Próductos primários	9,7	11,0	11,0
Produtos industrializados <sup>2/</sup>	13,8	17,0	17,0
Importações	22,3	25,0	25,0
Petróleo bruto	10,3	10,3	9,3
Demais importações	12,0	14,7	14,7
II. Serviços (excl. reinvestimentos)	-12,0	-13,3	-13,3
Juros (líquido)	-8,7	-9,5	-9,5
Demais (líquido)	-3,3	-3,8	-3,8
III. Transferências Unilaterais	0,2	0,2	0,2
IV. Transações Correntes	-10,6	-10,1	-11,1
V. Movimento de Capitais	10,9	10,1	11,1
Investimentos líquidos (exclusive reinvestimentos)	1,5	1,9	1,9
Financiamentos de organismos internacionais, agências governamentais e "suppliers credits" <sup>3/</sup>	1,2	1,8	1,7
Empréstimos em moeda e outros capitais	15,94 <sup>4/</sup>	13,6	14,5
Amortizações	-7,7	-7,2	-7,2
VI. Superávit	0,3	0	1,0

1/Estimativas preliminares;

2/Exclui açúcar cristal e refinado, café solúvel e inclui "transações especiais";

3/ Inclui financiamentos brasileiros ao Exterior (líquido);

4/ Inclusive erros e omissões.

Fonte: Banco Central

## Juros corroem o balanço

O País pode ter ficado livre do "choque do petróleo", mas não conseguiu escapar do "choque financeiro" — as taxas de juros do mercado internacional, que se mantiveram positivas durante todo o exercício financeiro de 1981, e pelo largo período de quatro meses, no elevado índice de 20%.

Conseqüentemente, não puderam ser atendidas as previsões das autoridades quanto ao balanço do setor serviços: na "hipótese básica", divulgada em dezembro de 1980, foi previsto o desembolso de US\$ 6,7 bilhões para o pagamento de juros e a estimativa para 1981, divulgada um ano depois, é de US\$ 8,7 bilhões. O item "outros", também da balança de serviços, que deveria apresentar um déficit de US\$ 4,3 bilhões, terminou o ano com US\$ 3,3 bilhões.

Todavia, em termos de balança comercial, a despeito do superávit de US\$ 1,2 bilhão, obtido graças à drástica contenção das importações, o resultado das exportações não foi brilhante, prejudicado pela queda dos preços do café, açúcar, soja e cacau, entre outros. Segundo a estimativa do ministro da Fazenda, Ernâni Galvães, "para um produto nacional de US\$ 250 bilhões, o Brasil perdeu, neste ano, cerca de US\$ 5 bilhões, com a queda nos produtos de exportação e o aumento na taxa de juros, o que onerou a dívida externa. Essa perda correspondeu a 2,2% do PIB."

De fato, a "hipótese básica" do governo para 1981, projetava exportações de US\$ 26 bilhões e importações de US\$ 25 bilhões. Quando se verificou a impossibilidade de fazer crescer as vendas externas em 30% — a evolução foi de 18,0% o governo partiu para um severo

controle quantitativo das importações. (uma das causas da recessão que afetou a indústria) em busca de uma compensação via importações.

O resultado foi bom: as exportações evoluíram para US\$ 23,5 bilhões, as importações não passaram de US\$ 22,3 bilhões. Desta vez o governo foi salvo pelo petróleo, cujos preços estáveis permitiram que os dispêndios ficassem nos US\$ 10,3 bilhões. O controle quantitativo das importações, exercido com absoluta competência pela Cacex pela via administrativa, fez com que as demais importações estacionassem nos US\$ 12,0 bilhões.

O déficit em transações correntes (resultado da balança comercial, mais serviços) projetado para US\$ 10,0 bilhões, atingiu US\$ 10,6 bilhões; os investimentos líquidos, estimados em US\$ 2,0 bilhões pela "hipótese básica", não ultrapassaram US\$ 1,5 bilhão, enquanto os financiamentos de organismos internacionais, agências governamentais e suppliers credits, previstos para US\$ 3,0 bilhões, alcançaram apenas US\$ 1,2 bilhão. Em compensação, os empréstimos em moeda e outros capitais, que deveriam atingir US\$ 13,0 bilhões, chegaram a US\$ 15,9 bilhões, pressionando a dívida externa acima do previsto.

Em janeiro, o governo estimava que a dívida externa alcançaria US\$ 60,0 bilhões, com um aumento de 10,0% em relação ao ano anterior. No final do ano, contudo, a dívida alcançou US\$ 61,4 bilhões, ultrapassando a faixa de crescimento real zero (comparado com a taxa de inflação externa). Em virtude da alta dos juros no mercado financeiro internacional, a dívida crescerá, pelos cálculos oficiais, 14,2% em 1982, terminando o ano com US\$ 70,1 bilhões.